



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS QUANTO ÀS
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.**

LARA EVANGELISTA ORLANDI

LAVRAS – MG

2021

LARA EVANGELISTA ORLANDI

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS QUANTO ÀS
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Lavras como parte das
exigências do curso de graduação em
Odontologia.

Orientadora: Profa. Dra. Natália Galvão
Garcia.

LAVRAS – MG

2021

LARA EVANGELISTA ORLANDI

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS QUANTO ÀS
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Lavras como parte das
exigências do curso de graduação em
Odontologia.

APROVADA EM:

ORIENTADORA

Profa. Dra. Natália Galvão Garcia – Unilavras

MEMBRO DA BANCA

Profa. Dra. Renata de Carvalho Foureaux – Unilavras

LAVRAS – MG

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, sabedoria e discernimento na escolha de minha profissão. Aos meus pais, João Carlos e Rogéria por proporcionarem o melhor para que eu pudesse me dedicar inteiramente ao curso. Ao meu irmão Raphael, por ser apoio e exemplo. A professora Dra. Natália Galvão Garcia pela confiança depositada e a oportunidade de aprender um pouco mais sobre a área da pesquisa, e também a todos os professores da instituição, que atuaram diretamente em minha formação e contribuíram para o meu crescimento.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”. (Madre Teresa de Calcuta)

RESUMO

De acordo com o último Boletim da Organização Mundial de Saúde (OMS) todos os dias ocorrem 1 milhão de novas infecções. Sendo, as. infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) consideradas um problema de saúde pública de âmbito mundial. No Brasil, casos de ISTs têm crescido, sobretudo entre os jovens de 15 a 29 anos. Com base nesses aspectos, este estudo teve como objetivo avaliar o nível de conhecimento e o comportamento de jovens universitários de diferentes áreas sobre as infecções sexualmente transmitidas. O universo da pesquisa foi composto por 154 jovens universitários entre 18 a 29 anos, os quais foram convidados a responderem um questionário online e autoaplicado. Ao final do questionário foram disponibilizados, uma cartilha e um folder, aos participantes com intuito de orientá-los sobre as infecções sexualmente transmissíveis. As respostas coletadas nos questionários foram tabuladas em uma planilha do Microsoft Excel, formando um banco de dados. Na maioria das questões foi observado conhecimento geral dos participantes. No entanto, em relação às formas de transmissão indiretas, os participantes mostraram falta de conhecimento quando comparadas às formas de transmissão por via direta, as quais são mais divulgadas. Sendo a proporção de mulheres que possui este conhecimento (32,1%) estatisticamente menor que a proporção de homens com o mesmo conhecimento (54,8%) ($p=0,0150$). Assim como também foi observado um obscurantismo quanto à algumas formas de manifestação clínica, e algumas ISTs, como a Clamídia e a Hepatite. Além disso, uma parcela significativa dos participantes demonstrou constrangimento ao falar sobre o assunto. E apesar, da maioria afirmar estar segura para a vida sexual com o conhecimento prévio, grande parte dos participantes afirmou que gostaria de receber mais informações sobre as infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis; Conhecimento; Adolescentes.

ABSTRACT

According to the World Health Organization (WHO), 1 million new infections occur every day. Being, the sexually transmitted infections (STIs) considered a worldwide public health problem. In Brazil, cases of STIs have grown, especially among young people aged 15 to 29 years. Based on these aspects, this study aimed to assess the level of knowledge and behavior of young university students from different areas about sexually transmitted infections. The research universe consisted of 154 young university students between 18 and 29 years old, who were invited to answer an online and self-applied questionnaire. At the end of the questionnaire, a booklet and a folder were made available to the participants to guide them about sexually transmitted infections. The answers collected in the questionnaires were tabulated in a Microsoft Excel spreadsheet, forming a database. In most questions, general knowledge of the participants was observed. However, regarding indirect forms of transmission, participants showed a lack of knowledge when compared to forms of direct transmission, which are more publicized. The proportion of women with this knowledge (32.1%) was statistically lower than the proportion of men with the same knowledge (54.8%) ($p=0.0150$). As well as an obscurantism regarding some forms of clinical manifestation, and some STIs, such as Chlamydia and Hepatitis, was also observed. In addition, a significant portion of the participants showed embarrassment when talking about the subject. And despite the majority claiming to be safe for sex life with prior knowledge, most participants said they would like to receive more information about sexually transmitted infections.

Keywords: Sexually Transmitted Diseases; Knowledge; Adolescents.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação do conhecimento acerca das vias de transmissão de modo geral das IST.....	22
Tabela 2 - Comparação do conhecimento acerca das IST entre mulheres e homens.....	24

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos participantes de acordo com a área do curso de graduação.....	20
Gráfico 2 - Distribuição dos participantes de acordo com a faixa etária de início da vida sexual.....	20
Gráfico 3 - Distribuição dos participantes de acordo com o número de parceiros sexuais durante a vida toda.....	21
Gráfico 4 - Distribuição das formas de transmissão por vias diretas e indiretas.....	23
Gráfico 5 - Distribuição dos participantes quanto ao meio que teriam recebido informações.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	18
3 MATERIAIS E MÉTODOS.....	18
3.1 ASPECTOS ÉTICOS.....	18
3.2 COLETA DE DADOS.....	19
3.3 ANÁLISE DE DADOS.....	19
3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS.....	19
4 RESULTADOS.....	20
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	20
5 DISCUSSÃO.....	27
6 CONCLUSÕES.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), antigamente chamadas de Doenças Sexualmente Transmissíveis englobam uma variedade de patologias provocadas por vírus, bactérias e outros microrganismos, as quais podem ser disseminadas pelas diferentes formas de contato sexual (vaginal, anal e oral) quando desprotegidas. De maneira menos comum, as ISTs também podem ser transmitidas pelo contato de mucosas ou pele não íntegra com secreções corporais contaminadas (BRUCE *et al.*, 2004; BELDA *et al.*, 2009; DECKER *et al.*, 2016).

De acordo com o último Boletim da Organização Mundial de Saúde (OMS) todos os dias ocorrem 1 milhão de novas infecções. Sendo, as ISTs consideradas um problema de saúde pública de âmbito mundial (WORKOWSKI *et al.*, 2015; DECKER *et al.*, 2016).

No Brasil, casos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) têm crescido, sobretudo entre os jovens de 15 a 29 anos. Entre as mais comuns estão a clamídia, gonorreia, sífilis, tricomoníase, HPV, hepatites virais e HIV. Entre 2010 e 2018, os diagnósticos de sífilis adquirida sexualmente aumentaram em 3.600% no país e a AIDS se tornou uma epidemia entre os jovens, pois, mantém um nível crescente nos indivíduos abaixo 35 anos (BRASIL, 2018).

Todas as pessoas possuem risco de infecção, porém há uma prevalência significativa na população jovem, homossexuais e uma minoria racial e étnicas, sendo os jovens responsáveis por quase metade de todos os casos relatados anualmente (DECKER, 2016; SANZ-LORENTE *et al.*, 2018; TRIBUTINO *et al.*, 2018). Além disso, há pesquisas que indicam que jovens com menor poder aquisitivo, muitas vezes abandonam os estudos para trabalharem, o que conseqüentemente gera um déficit de conhecimento em relação às ISTs (VILELLA; DORETO, 2006).

Especialistas apontam que essa geração possui um maior risco de contrair ISTs devido a diferentes aspectos como: desconhecimento sobre as formas de prevenção; descrença nessas doenças; sexualidade iniciada de forma prematura; multiplicidade de parceiros, comportamentos de risco, como o uso de bebidas alcoólicas e drogas, entre outros. Ademais, esses fatores também contribuem significativamente para o aumento de morbidade, mortalidade e problemas sociais nessa faixa etária (ROMERO *et al.*, 2006; CAMARGO; FERRARI, 2009; CASTRO *et al.*, 2017; DOUBOVA *et al.*, 2017; GENZ *et al.*, 2017; KUMAR *et al.*, 2018).

As ISTs podem resultar em muitas sequelas reprodutivas em longo prazo, incluindo infertilidade, gravidez, complicações, aumento do risco de aquisição do HIV e câncer. Sendo assim, levando em conta que os números de disseminação de ISTs têm aumentado cada dia mais, as medidas gerais de promoção e educação em saúde têm se mostrado essenciais na prevenção dessas doenças, pois trazem informações e trocas de experiências que colaboram para o aumento de informações direcionadas a percepção dos fatores de risco, além de promover a prática sexual segura pela mudança de comportamento e adoção de preservativos (BOTTEGA *et al.*, 2016; SANZ-LORENTE *et al.*, 2018).

Essas ações educativas também atuam diretamente sobre a importância da detecção dos sinais e sintomas, dos métodos de transmissão, do diagnóstico e do tratamento, promovendo um controle mais eficiente. Pois, o acesso às informações podem melhorar a capacidade do reconhecimento das ISTs, aumentando a procura por atendimento e, por consequência, o incentivo aos parceiros a fazê-lo (VILLELA *et al.*, 2006; BESERRA *et al.*, 2008; SANZ-LORENTE *et al.*, 2018).

Com base nesses aspectos, este estudo teve como objetivo avaliar o nível de conhecimento e o comportamento de jovens universitários de diferentes áreas sobre as infecções sexualmente transmissíveis.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Estando as ISTs entre os maiores problemas de saúde pública no Brasil e levando em conta as possíveis sequelas associadas, diversos estudos procuraram avaliar os déficits envolvidos, assim como também o comportamento dos jovens, grupo mais acometido pelas ISTs (BELDA; SHIRATSU; PINTO, 2009; BRASIL, 2018).

Romero *et al* (2007) avaliaram através de um estudo transversal, o conhecimento sobre sexualidade, métodos contraceptivos e ISTs de adolescentes com idade entre 10 e 16 anos, das zonas rural e urbana, de uma escola pública em São Paulo. A amostra contava com 506 meninas que responderam perguntas gerais sobre o tema, com auxílio de um questionário semi-estruturado. Em porcentagem, 31% dessas meninas eram da zona rural e 69% eram da zona urbana. As jovens da zona rural demonstraram maior interesse na busca de informações (81,2%) quando comparadas com as da zona urbana (72,2%). Desta forma, concluiu-se que a porcentagem de busca de informações foi alta nas duas zonas, porém o conhecimento sobre ISTs e métodos contraceptivos ainda é inadequado.

Beserra *et al* (2008) qualificaram a vulnerabilidade de adolescentes universitários em se tratando de IST/AIDS. Com base nos resultados obtidos, os autores salientaram a importância de escolas e profissionais da área da saúde atuarem na divulgação de informações sobre sexualidade e IST, com o intuito de diminuir os riscos de contaminação e transmissão, além de orientá-los para o amadurecimento na vida sexual.

Gerhardt *et al* (2008) ponderaram o conhecimento sobre ISTs de jovens de uma escola pública no Rio Grande do Sul, sendo comparadas as diferenças e semelhanças de acordo com o gênero. A amostra foi constituída por 221 alunos de 7^a a 8^a séries. Ao serem indagados sobre o conceito de IST, 93,7% disseram saber o que é, enquanto 6,3% não tinha esse conhecimento. Já 77,4% afirmaram conhecer alguma IST, 20,8% não conheciam nenhuma e 1,8% não responderam. As IST's mais citadas foram AIDS (91,3%), Sífilis (66,7%) e Gonorreia (64,3%). Em relação aos meios de informação, a escola foi a mais citada (77,8%) seguida por intermédio de agentes comunitários (35,1%) e televisão (31%). Quanto ao uso de preservativo 90,9% dos participantes afirmaram fazer uso do mesmo, 4,5% disseram não utilizar e 1,5% nunca utilizaram. É possível concluir que a maioria dos adolescentes demonstrou conhecimento adequado sobre o tema, sendo que as participantes

do gênero feminino mostraram ser mais conscientes ao uso de preservativo quando comparadas aos participantes do gênero masculino que demonstraram mais resistência.

Camargo & Ferrari (2009) fizeram um levantamento do conhecimento de adolescentes sobre assuntos como sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez e IST. A amostra contou com a presença de 117 adolescentes da 8ª série (entre 14 e 16 anos) de uma escola estadual no Paraná. Os participantes, responderam a um questionário antes e após oficinas de prevenção para avaliar a diferença de conhecimento. Avaliando os dados obtidos foi possível observar que antes das oficinas apenas 28,2% dos adolescentes mostraram ter conhecimento em relação ao período fértil feminino, e que após a oficina, esse número aumentou para 55,8%. Os meninos mostraram ter iniciado a vida sexual mais cedo quando comparados as meninas. A AIDS foi considerada a IST mais conhecida e citada nos testes. Já os métodos contraceptivos, destacaram-se o preservativo e a pílula. Portanto, foi possível inferir que medidas e ações preventivas nas escolas devem ser cada vez mais rigorosas, de forma que essas informações sejam repassadas a longo prazo.

Garbin *et al* (2010) investigaram a percepção de adolescentes em relação as ISTs e os métodos contraceptivos. Por meio de um estudo transversal, tipo inquérito, foi utilizado uma amostra de 136 adolescentes os quais estudavam em universidades públicas em um município do estado de São Paulo. O método utilizado para que os participantes da pesquisa pudessem respondê-la foi um questionário autoaplicável sobre o tema além do uso de dados sócio demográficos. No entanto, os resultados mostraram que os métodos contraceptivos mais citados foram, em ordem decrescente, a camisinha (97,1%), pílula (89%), camisinha feminina (87,5%), pílula do dia seguinte (74,3%), tabelinha (47,8%), injeção hormonal (41,9%), DIU (33,1%), coito interrompido (31,6%) e outros (1,5%). Já relacionado ao meio em que eles adquirem essas informações, a escola foi o mais assinalado (46,1%), seguido de amigos ou parceiros (20,3%), médico (10,9%) e por fim, televisão (10,2%). Referente ao meio de transmissão dessas ISTs, cerca de 98,5% afirmaram que a relação sexual é o método mais transmissível. Contudo, 88,4% destes adolescentes relataram não utilizar camisinha como método contraceptivo. As ISTs mais citadas foram AIDS (91,2%) e Herpes (72,8%). Conclui-se que mesmo tendo conhecimento sobre os riscos de contraírem uma IST, os adolescentes não se previnem.

Carneiro *et al* (2015) avaliaram a vivência de acadêmicos do curso de enfermagem em uma escola de ensino médio no Ceará. O principal objetivo foi levar informação e conhecimento sobre ISTs a esses adolescentes. Como método para reunir essas

informações, houve uma conversa em grupo seguida pela aplicação de um questionário com perguntas para avaliar o conhecimento prévio sobre o assunto. Após a pesquisa, 87% dos adolescentes possuíam conceitos incorretos sobre IST e suas formas de transmissão. Ao serem questionados sobre como é a inserção do preservativo masculino a maioria tinha domínio, porém em relação ao preservativo feminino, poucos tinham conhecimento. O mesmo ocorreu quando questionados sobre métodos contraceptivos variados, sendo o único citado e reconhecido, o preservativo masculino. Desta forma, foi ressaltada a importância dessas informações serem repassadas de forma que esses jovens e adolescentes estejam seguros para a vida sexual.

Almeida *et al* (2017) investigaram o conhecimento dos adolescentes em relação às ISTs e gravidez. Para isso foi realizado um estudo qualitativo e descritivo, desenvolvido por meio de entrevista semiestruturada. A coleta de dados foi a partir de um formulário e a amostra foi constituída por 22 adolescentes entre 16 e 19 anos, estudantes do ensino médio de uma escola pública. Após a avaliação dos resultados obteve-se que ainda existe a necessidade de intensificação das ações educativas e preventivas, uma vez que a falta de informação gera vulnerabilidade e a mesma influencia nas estratégias de promoção e prevenção de saúde no âmbito escolar e social.

Castro *et al* (2017) caracterizaram o comportamento e práticas sexuais dos adolescentes, de acordo com o gênero. Por meio de um estudo transversal, aplicou-se um questionário com dados sócio demográficos e comportamento sexual para 674 adolescentes com idade entre 14 e 19 anos, os quais eram estudantes de escolas da rede estadual de Recife – PE. Nos resultados, foi verificado que aproximadamente 52,9% dos meninos e 38,7% das meninas já tinham tido iniciado a vida sexual. O método contraceptivo mais empregado, tanto na primeira (68,8%) quanto na última relação (52,2%), foi a camisinha. Quando indagados sobre os meios de informação sobre sexualidade, se destacaram a rede social e os amigos. Concluiu-se que a maioria dos adolescentes já havia iniciado a vida sexual, sendo que os meninos mostraram maior prevalência e prática.

Genz *et al* (2017) avaliaram o conhecimento e o comportamento sexual de adolescentes, relacionado às ISTs. Foi realizado um estudo descritivo, observacional e quantitativo, com uma amostra de 532 adolescentes. O método utilizado foi um questionário individual com perguntas relacionadas ao tema. Os resultados apontaram que os meninos (90,3%), quando comparados com as meninas (89,2%), se destacaram ao definirem corretamente o conceito de IST. Quando indagados sobre qual o método de

prevenção mais eficaz, a grande maioria assinalou uso de preservativo. Porém, o uso de anticoncepcional foi considerado método contraceptivo de IST por cerca de 37,1% das meninas e 30,5% dos meninos. Concluindo assim a importância de reforçar, com a ajuda de ações educativas escolares, os temas relacionados a sexualidade e saúde reprodutiva.

Spindola *et al* (2019) identificaram e avaliaram o comportamento, conhecimento e as práticas de estudantes universitários sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Através de um estudo descritivo e quantitativo, com auxílio de um questionário, em uma universidade pública no Rio de Janeiro. Foram selecionados 255 estudantes (181 mulheres e 74 homens) com idade entre 18 e 24 anos. Quando questionados, 34,1% consideram ter conhecimento sobre IST, sendo que 76% dos avaliados tinham vida ativa sexual e 43% afirmaram utilizar preservativo em todas as relações sexuais. Em relação a algumas infecções, 31,7% acreditam que é possível contrair a Gonorreia em banheiro público e 40% disseram que existe cura para Hepatite. Dessa forma, foi possível concluir que ainda é falho o conhecimento sobre prevenção e transmissão dessas ISTs.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Aspectos éticos

Este estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS e aprovado pelo mesmo (CAAE:37946620.0.0000.5116). Os dados foram coletados por meio de questionários online, no qual inicialmente o voluntário teve acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e após a sua leitura pôde optar por participar ou não da pesquisa, assinalando sua opção antes do início da coleta de dados.

3.2 Amostra e critérios de inclusão e exclusão

O universo da pesquisa foi composto por jovens que preencheram os critérios de inclusão, sendo eles: ter de 18 a 29 anos, ser aluno de graduação e aceitarem participar da pesquisa. Desta forma, excluiu-se os participantes que enviaram o questionário incompleto e aqueles que tiveram seu e-mail desativado. Foram avaliados 154 jovens universitários, como base no cálculo amostral de estudos prévios (ROMERO et al., 2006; CAMARGO et al., 2009). Tratou-se de uma amostra por conveniência, pela facilidade de acesso aos sujeitos do estudo.

3.3 Coleta de dados

Para a coleta dos dados, foi feito contato via e-mail com coordenadores de cursos universitários, ligas acadêmicas, grupos de estudos, os quais foram recrutados por meio dos sites de instituições. Solicitou-se então o encaminhamento do link (<https://forms.gle/dhj6ZNB1wuM5UNBx6>) do formulário, via e-mail convidando os alunos a participarem. Os alunos ao receberem o link por e-mail tiveram acesso ao formulário do Google Forms, optando por participar ou não da pesquisa. Estimou-se que os participantes gastariam em média 15 minutos para responder todo o formulário. Este formulário foi autoaplicado e não incluía informações que identificassem os participantes, sendo constituído por questões fechadas, com múltiplas escolhas (APÊNDICE B). Ao final do questionário disponibilizou-se uma cartilha e um folder aos participantes com intuito de orientá-los sobre as infecções sexualmente transmissíveis.

3.4 Análise dos dados

As respostas coletadas nos questionários foram tabuladas em uma planilha do Microsoft Excel, formando um banco de dados. Os resultados, transcorridos na forma de tabelas com a distribuição de frequência em números absolutos e percentuais.

A análise foi realizada, basicamente, através de estatística descritiva para a caracterização da amostra, seguida de teste para proporções – Teste Exato de Fisher – a fim de comparar se as proporções dos que responderam sim entre as mulheres diferiam da mesma proporção entre os homens. Para os testes, considerou-se o nível de significância de 5%.

3.5 Riscos e benefícios

3.5.1 Riscos

Os riscos aos participantes da pesquisa relacionados à invasão de privacidade, divulgação de dados confidenciais, discriminação e estigmatização a partir da revelação das respostas fornecidas foram minimizados pelo fato de que o questionário foi autoaplicado e os participantes orientados a não fornecerem dados pessoais ou informações que permitiam sua identificação. Além disso, para reduzir o tempo despendido pelo participante para responder ao questionário foram utilizadas apenas questões objetivas.

3.5.2 Benefícios

O estudo trouxe como benefício para os jovens uma orientação sobre as principais manifestações clínicas, formas de transmissão e prevenção das infecções sexualmente transmissíveis. Desta forma, espera-se que essas orientações contribuam para diminuição do número de jovens portadores de infecção sexualmente transmissíveis.

4 RESULTADOS

4.1 Caracterização da amostra

A amostra deste estudo foi constituída por 154 universitários, dos quais 69,6% eram do sexo feminino e 30,4% do sexo masculino. A idade média dos participantes foi de 22,3 anos, com intervalo de confiança de $(22,3 \pm 0,3)$ anos. Com relação ao estado civil, a maioria era solteiro (98,7%), sendo os demais casados (0,65%) ou divorciados (0,65%). A origem dos universitários foi composta por 57,8% da área da saúde e 42,2% provindos de outros cursos, como pode ser observado no Gráfico 1.

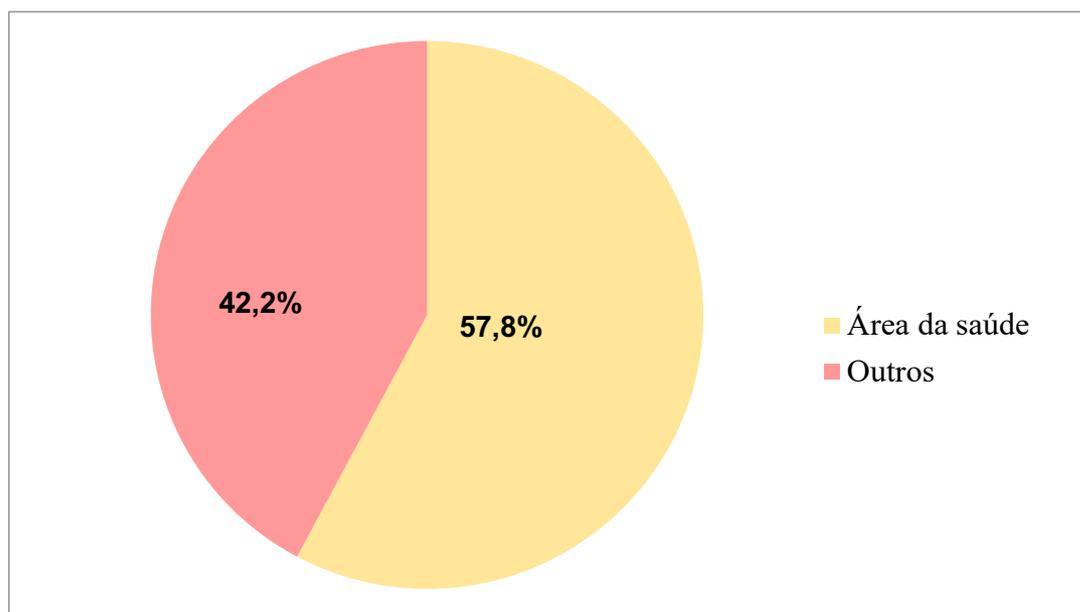


Gráfico 1 – Distribuição dos participantes de acordo com a área do curso de graduação.

Dentre os participantes, 82,6% afirmavam ter iniciado a vida sexual entre 15 e 20 anos, 8,7% entre 20 e 25, 7,5% com menos de 15 anos e 1,2% entre 25 e 29 anos (Gráfico 2).

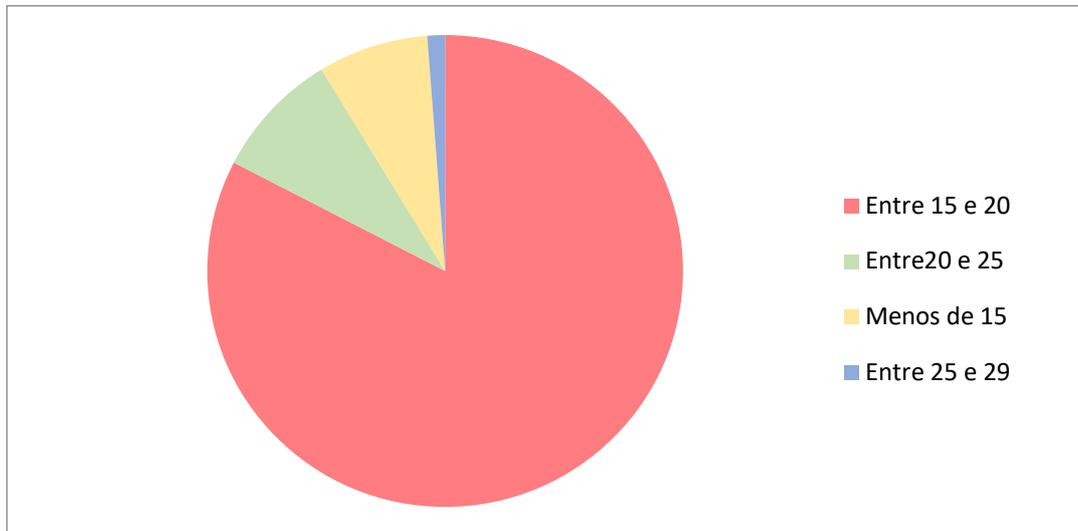


Gráfico 2 – Distribuição dos participantes de acordo com a faixa etária de início da vida sexual.

Em relação ao número de parceiros, a maior parte (30,4%) afirmou ter tido até 5 parceiros, seguida por 24,8% que afirmaram terem tido apenas um parceiro, 19,3% entre 5 e 10, 17,4% afirmarem terem tido mais de 10 parceiros e 8,1% preferiram não responder (Gráfico 3).

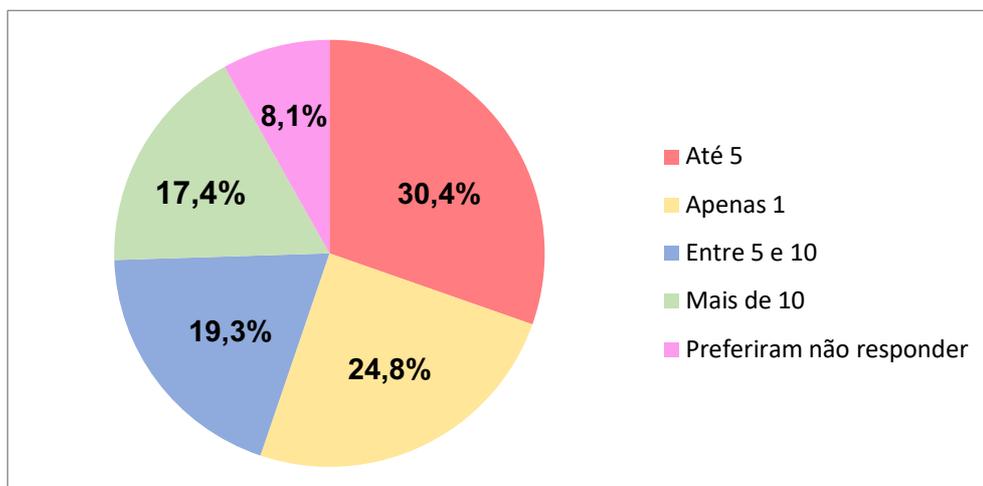


Gráfico 3 – Distribuição dos participantes de acordo com o número de parceiros sexuais durante toda a vida.

Apesar de quase a totalidade da amostra (99,4%) ter afirmado considerar importante o uso de preservativos, 88,8% afirmaram já terem tido relação sexual de forma desprotegida. Além disso, apenas 51,6% afirmaram já terem feito teste para IST.

Após as perguntas de caracterização demográfica, o conhecimento dos participantes acerca das ISTs foi avaliado por meio de questões com respostas positivas ou negativas como mostra a tabela abaixo (Tabela 1). Na maioria das questões foi observado conhecimento geral dos participantes. No entanto, em relação às formas de transmissão indiretas, como por exemplo, pelo uso de agulhas, pelo beijo, pelo toque físico, entre outras, os participantes mostraram falta de conhecimento quando comparadas às formas de transmissão por via direta, as quais são mais divulgadas (Gráfico 4).

Com base nos resultados obtidos foi possível inferir que apenas as proporções relativas ao conhecimento sobre a possibilidade de contrair uma IST pelo contato com saliva, beijo e/ou uso de talheres foram estatisticamente significativas entre os homens e as mulheres. Neste caso, a proporção de mulheres que possui este conhecimento (32,1%) era estatisticamente menor que a proporção de homens com o mesmo conhecimento (54,8%) ($p=0,0150$). Nas demais questões não foram observadas diferenças significativas entre a proporção de homens e mulheres.

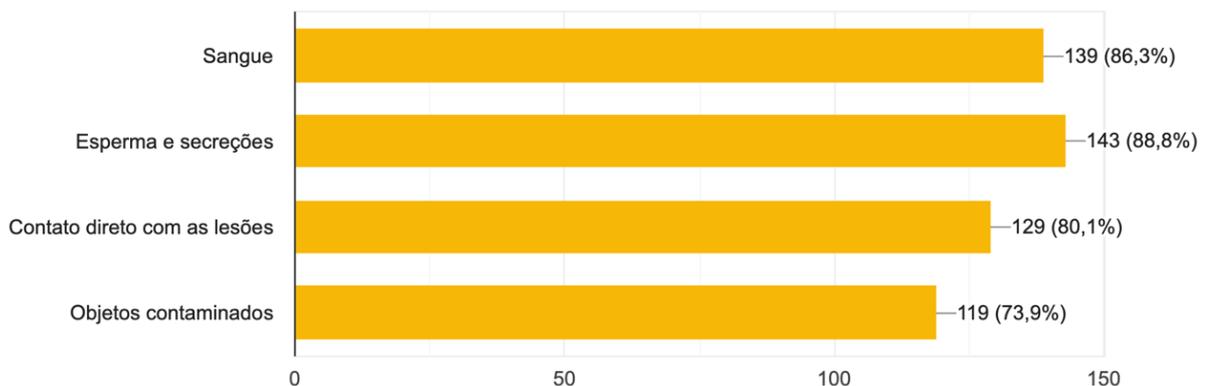


Gráfico 4 – Distribuição das formas de transmissão diretas e indiretas.

Tabela 1 – Comparação do conhecimento acerca das vias de transmissão de modo geral das IST.

	Mulheres		Homens		Valor <i>p</i>
	Sim	Não	Sim	Não	
Sabe o que é IST	111 (99,1%)	1 (0,9%)	40 (95,2%)	2 (4,8%)	1,0000
Sabe se prevenir de IST	109 (97,3%)	2 (2,7%)	42 (100%)	0 (0%)	1,0000
Sabe que pode contrair IST por sexo vaginal	112 (100%)	0 (0%)	42 (100%)	0 (0%)	1,0000
Sabe que pode contrair IST por sexo anal	112 (100%)	0 (0%)	42 (100%)	0 (0%)	1,0000
Sabe que pode contrair IST por sexo oral	108 (96,4%)	4 (3,6%)	41 (97,6%)	1 (2,4%)	1,0000
Sabe que pode contrair IST pelo compartilhamento de agulhas no uso de drogas injetáveis	110 (98,2%)	2 (1,8%)	39 (92,9%)	3 (7,1%)	0,1254
Sabe que pode contrair IST pelo compartilhamento de objetos perfuro-cortantes como alicates, pinças e tesouras	106 (94,6%)	6 (5,4%)	37 (88,1%)	5 (11,9%)	0,1723
Sabe que pode contrair uma IST pelo contato com saliva, beijo, uso de talheres	36 (32,1%)	76 (67,9%)	23 (54,8%)	19 (45,2%)	0,0150*
Sabe que é possível contrair uma IST através do toque físico	14 (12,5%)	98 (87,5%)	6 (14,3%)	36 (85,7%)	0,7905
Considera importante o uso de preservativos	112 (100%)	0 (0%)	41 (97,6%)	1 (2,4%)	0,2727

* Significativo a 5% de significância

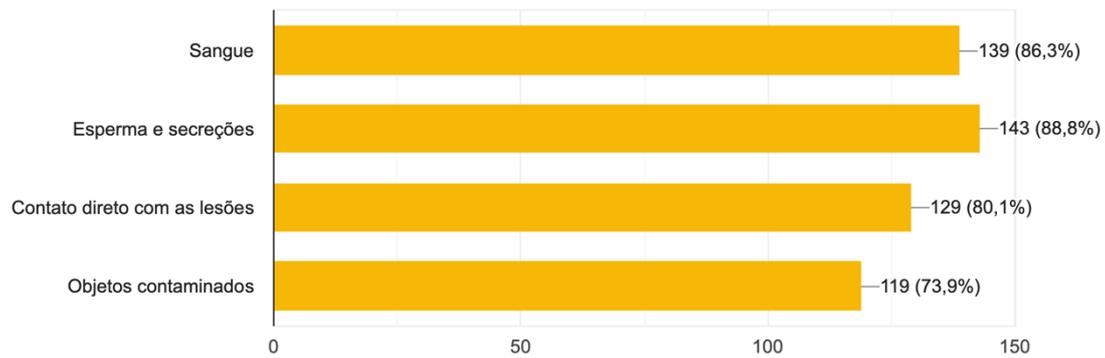


Gráfico 4 – Distribuição das formas de transmissão por vias diretas e indiretas.

Quando questionados sobre as manifestações clínicas envolvidas, 99,3% assinalaram a opção “corrimento ou sangramento” como sendo um tipo de manifestação mais comumente encontrada. Outras manifestações como mau cheiro, coceira e lesões avermelhadas ou esbranquiçadas também foram apontadas pela maioria dos participantes. Entretanto, a opção “lesões endurecidas” mostrou ser a menos conhecida.

Dentre as infecções sexualmente transmissíveis avaliadas, a Clamídia foi a IST que teve maior divergência de respostas, 80,5% responderam ‘Sim’, enquanto 19,5% responderam “Não”, conseqüentemente indicando maior falta de conhecimento dos participantes. Seguida pelas Hepatites Virais que também apresentou respostas divergentes, cerca de 7,1% dos participantes mostraram não ter conhecimento sobre a mesma (Tabela 2).

Tabela 2 – Comparação do conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis entre mulheres e homens.

	Mulheres		Homens		Valor <i>p</i>
	Sim	Não	Sim	Não	
Já ouviu falar em AIDS	112 (100%)	0 (0%)	42 (100%)	0 (0%)	1,0000
Já ouviu falar em Gonorreia	111 (99,1%)	1 (0,9%)	42 (100%)	0 (0%)	1,0000
Já ouviu falar em Sífilis	112 (100%)	0 (0%)	42 (100%)	0 (0%)	1,0000
Já ouviu falar em HPV	112 (100%)	0 (0%)	42 (100%)	0 (0%)	1,0000
Já ouviu falar em Clamídia	90 (80,4%)	22 (19,6%)	34 (81%)	8 (19%)	1,0000
Já ouviu falar em Herpes	112 (100%)	0 (0%)	42 (100%)	0 (0%)	1,0000
Já ouviu falar em Hepatites Virais	102 (91,1%)	10 (8,9%)	41 (97,6%)	1 (2,4%)	0,2907

Com base nos resultados obtidos, estatisticamente não foram observadas diferenças significativas entre as proporções de homens e mulheres no que se refere ao conhecimento sobre as IST's investigadas.

Ao serem indagados quanto aos meios que teriam recebido informações, as redes sociais, conversa com amigos e colégio foram os mais citados (Gráfico 5). No entanto, cerca de 23,6% mostraram ter constrangimento de falar sobre o assunto.

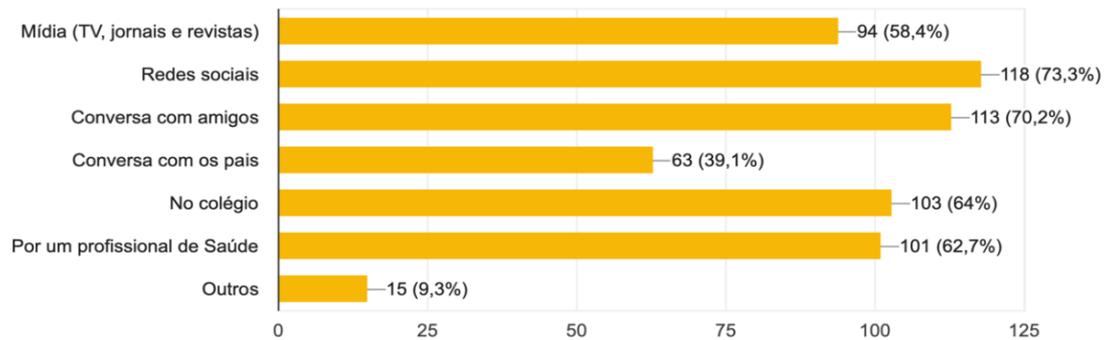


Gráfico 5 – Distribuição dos participantes quanto ao meio que teriam recebido informações.

Apesar da maioria afirmar se sentir segura para a vida sexual com o conhecimento prévio, 82% afirmaram que gostariam de receber mais informações sobre as infecções sexualmente transmissíveis.

5 DISCUSSÃO

Apesar de atualmente, a maioria das pessoas terem fácil acesso à informação, o número de casos de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) têm crescido de forma exponencial nos últimos anos, fazendo com que as IST's sejam consideradas um problema de saúde pública mundial (WORKOWSKI *et al.*, 2015; DECKER *et al.*, 2016; BRASIL, 2018).

Estudos recentes apontam que há uma prevalência significativa de IST's entre os jovens. O que segundo eles pode estar ligado a diversos aspectos como o desconhecimento sobre as formas de prevenção; a descrença nessas doenças; a sexualidade iniciada de forma prematura; multiplicidade de parceiros, comportamentos de risco, entre outros (FERRARI; CAMARGO, 2009; DECKER, 2016; CASTRO *et al.*, 2017; DOUBOVA *et al.*, 2017; GENZ *et al.*, 2017; KUMAR *et al.*, 2018; SANZ-LORENTE *et al.*, 2018; TRIBUTINO *et al.*, 2018).

Acredita-se que com o avanço da tecnologia, os jovens passaram a obter informações e conhecimentos com maior facilidade. No entanto, os assuntos sexualidade e IST's ainda são pouco comentados, pois, uma parcela significativa dos jovens apresenta certo constrangimento (GARBIN, *et al.*, 2010), como foi observado no presente estudo, no qual cerca de 23,6% dos participantes mostraram se sentirem constrangidos ao falarem sobre o assunto.

Quando avalia-se o interesse na busca de conhecimento para se protegerem diante das ISTs, alguns autores sugerem haver um destaque das mulheres em relação aos homens (GERHARDT, *et al.*, 2008). No entanto, com base nos resultados obtidos, estatisticamente não foram observadas diferenças significativas entre as proporções de homens e mulheres no que se refere ao conhecimento sobre as IST's.

A maioria dos estudos mostra que as formas de transmissão direta via contato sexual (vaginal, oral e anal) são conhecidas por grande parte dos indivíduos (FERRARI; CAMARGO, 2009; DECKER, 2016; CASTRO *et al.*, 2017). Por outro lado, alguns autores destacam que as transmissões indiretas precisam ter um destaque maior (SPINDOLA *et al.*, 2019). Corroborando com estes autores, de acordo com os resultados obtidos no presente estudo, os participantes mostraram falta de conhecimento quanto às formas de transmissão por via indireta. Além disso, vale ressaltar que as proporções relativas ao conhecimento sobre a possibilidade de contrair uma IST pelo contato com saliva, beijo e/ou uso de

talheres apontaram que o número de mulheres que possui este conhecimento (32,1%) é estatisticamente menor que o número de homens com o mesmo conhecimento (54,8%).

Clinicamente as ISTs podem se apresentar de diversas formas, todavia, os sinais mais conhecidos pelos jovens nesse estudo foram: corrimento, sangramento, mau cheiro, coceira e lesões avermelhadas ou esbranquiçadas.

Alguns autores sugerem que os homens iniciam, a vida sexual mais cedo e têm um número maior de parceiros quando comparados às mulheres. No presente estudo, apesar de não terem sido feitas as avaliações de acordo com o gênero, vale ressaltar que dentre os participantes, 82,6% afirmavam ter iniciado a vida sexual entre 15 e 20 e a maior parte (30,4%) afirmou ter tido até 5 parceiros.

Dentre as diferentes ISTs, as mais conhecidas são Aids, Sífilis e Herpes (GERHARDT, *et al.*, 2008; GARBIN, *et al.*, 2010; SPINDOLA *et al.*, 2019). Mas segundo Spindola et al (2019) ainda existe uma defasagem quanto ao conhecimento sobre ISTs como Gonorreia e Hepatite. Os resultados obtidos nesse estudo corroboram com os autores, pois, foi identificada uma divergência entre os participantes com relação a Hepatite. Entretanto, a Clamídia foi a IST que indicou maior falta de conhecimento dos participantes.

Atualmente, a camisinha é considerada o método preventivo de primeira escolha devido ao seu baixo custo, fácil acesso, popularidade e segurança (CARNEIRO, *et al.*, 2015; CASTRO, *et al.*, 2017; GENZ, *et al.*, 2017).

E assim como visto nos resultados obtidos, a grande maioria da população considera importante o uso de preservativos. Mas quando se trata da sua utilização, levantamentos mais antigos mostram um número maior de indivíduos que afirmavam fazer uso do mesmo (GERHARDT, *et al.*, 2008), quando comparados com estudos atuais (GARBIN, *et al.*, 2010) e com os resultados observados neste estudo, os quais indicam que cerca de 80% dos jovens afirmam não fazerem uso do preservativo.

Um outro aspecto que vem mudando nos últimos anos é o meio de divulgação das informações, pois, observa-se que a aquisição de conhecimento sobre as ISTs ocorria predominantemente nas escolas (GERHARDT, *et al.*, 2008; GARBIN, *et al.*, 2010). Todavia, hoje em dia as redes sociais ocupam posição de destaque (73,3%) como o meio mais utilizado para receber informações.

Apesar de toda facilidade de acesso às informações e da maioria dos jovens afirmar estar segura para a vida sexual com o conhecimento prévio, ainda é perceptível as lacunas a

serem preenchidas com orientações relevantes sobre o assunto (SPINDOLA *et al.*, 2019). Além de, grande parte dos jovens, como observado no presente estudo (82%), afirmar que gostaria de receber mais informações sobre as infecções sexualmente transmissíveis.

6 CONCLUSÕES

De modo geral, concluiu-se que a maioria dos jovens sabe o que é uma IST, bem como os meios de transmissão direta. No entanto, há uma falta de conhecimento sobre algumas vias de transmissão indireta, como por exemplo, pelo uso de agulhas, pelo beijo, pelo toque físico, entre outras. Assim como também foi observado um obscurantismo quanto à algumas formas de manifestação clínica, e algumas ISTs, como a Clamídia e a Hepatite.

Além disso, uma parcela significativa dos participantes demonstrou constrangimento ao falar sobre o assunto. E apesar, da maioria afirmar estar segura para a vida sexual com o conhecimento prévio, grande parte dos participantes afirmou que gostaria de receber mais informações sobre as infecções sexualmente transmissíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Soraya de Mattos Camargo Grossmann. Pacientes com Hepatite C Crônica: Manifestações Bucais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v.10, n.1, p.264-274, 2012.

BELDA, Walter; SHIRATSU, Ricardo; PINTO, Valdir. Abordagem nas Doenças Sexualmente Transmissíveis. **Anais. Brasileiros de Dermatologia.**, Rio de Janeiro, v.84, n.2, p. 151-159, 2009.

BESERRA, Eveline P. *et al.* Adolescência e Vulnerabilidade às Doenças Sexualmente Transmissíveis: Uma Pesquisa Documental. **DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Fortaleza, v. 20, n. 1, p. 32-35, 2008

BOTTEGA, Angelita *et al.* Abordagem das Doenças Sexualmente Transmissíveis na Adolescência: revisão de literatura. **Revista Saúde**, Santa Maria, p. 91-104, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico Hepatites Virais 2018**. v. 49, n.53. Brasília, 2018. 72p.

BRUCE, Alison J.; ROGERS, Roy S. Oral Manifestations of Sexually Transmitted Diseases. **Clinics in Dermatology**, Nova Iorque, v. 22, n. 6, p. 520-527, 2004.

CAMARGO, Elisana Ágatha Iakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: Conhecimentos Sobre Sexualidade Antes e Após a Participação em 2009. **Ciê. & Saúde Coletiva**, v.14, n.3, p.937-846.2009.

CARNEIRO, Rithianne Frota et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, p.104-108, 2015.

CASTRO, José Flavio de Lima; ARAUJO, Rodrigo Cappato de; PITANGUI, Ana Carolina Rodarti. Sexual Behavior and Practices of School Adolescents in Recife City, Brazil. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 219-227, 2017.

DECKER, Catherine F. Sexually Transmitted Diseases: An Overview. **Disease-a- Month**, Estados Unidos, v. 62, n. 8, p. 258-259, 2016.

DOUBOVA, Svetlana V. *et al.* Effects of an Internet-based Educational Intervention to Prevent High-risk Sexual Behavior in Mexican Adolescents. **Health education research**, Reino Unido, v. 32, n. 6, p. 487-498, 2017.

GARBIN, Cléa AS *et al.* Percepção de Adolescentes em Relação a Doenças Sexualmente Transmissíveis e Métodos Contraceptivos. **DST - Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Araçatuba, v.19, n.1, p.227-238, 2010.

GENZ, Niviane *et al.* Doenças Sexualmente Transmissíveis: Conhecimento e Comportamento Sexual De Adolescentes. **Texto & Contexto Enfermagem.**, Florianópolis, v.26, n.2, p.1-12, 2017.

GERHARDT, Caroline *et al.* Doenças Sexualmente Transmissíveis: conhecimento, atitudes e comportamento entre os adolescentes de uma escola pública. **Rev Bras Med Fam e Com**, v.3, n.12, p.257-270.2008.

KUMAR, Dinesh *et al.* Sexual Behavior of Adolescent Students in Chandigarh and Their Perceptions Regarding Family Life Education. **Journal of Family Medicine and Primary Care**, Índia, v. 6, n. 2, p. 108-110, 2017.

ROMERO, Kelen cristina T. *et al.* O Conhecimento das Adolescentes Sobre Questões Relacionadas ao Sexo. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, n,1, p.9-14, 2007.

SANZ-LORENTE, María *et al.* Web 2.0 Tools in the Prevention of Curable Sexually Transmitted Diseases: Scoping Review. **Journal of medical Internet research**, Alicante, v.20, n.3, p.e113, 2018.

SPINDOLA, Telma *et al.* Práticas Sexuais, Conhecimento e Comportamento dos Universitários em Relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Rev Fund Care Online**. V.11, n.5, p:1135-41, 2019.

TRIBUTINO, Alec *et al.* Partner Notification Outcomes After Integration of an On-site Disease Intervention Specialist at a Sexually Transmitted Disease Clinic. **PloS one**, [S.I], v.13, n.3, p.e0194041, 2018.

VILLELA, Wilza Vieira; DORETO, Daniella Tech. Sobre a Experiência Sexual dos Jovens. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n.11, p. 2467-2472, 2006.

WORKOWSKI, Kimberly A.; BOLAN, Gail A. Sexually Transmitted Diseases Treatment Guidelines. **MMWR. Recommendations and Reports: Morbidity and Mortality weekly Report**, [S.I], v. 64, n. RR-03, p. 1-13, 2015.